

Revisão

Uso de Plantas Medicinais Associadas à Saúde Femina Brasileira: Uma Revisão de Literatura

Ingrýd Emanuely Domingos Tavares ¹, Luana Xavier Santos ², Calianny Gomes Ouriques Pereira Almeida ³, Nathália Maria Rocha Ventura ⁴, Lauriston Emmanuel Barros Soares ⁵

¹ Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ingrydemanuely34@gmail.com

² Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, xavierluana73@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ouriquescalianny@gmail.com

⁴ Graduanda do Curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, nathaliamariarocha15@gmail.com

⁵ Professor orientador: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, lauristonsoaresbio@gmail.com

Resumo: Plantas medicinais são espécies vegetais que contêm princípios ativos capazes de promover efeitos terapêuticos, sendo utilizadas desde a antiguidade como recurso de cuidado e tratamento de enfermidades. No contexto da saúde da mulher, desempenham papel relevante na prevenção e no manejo de condições ginecológicas e reprodutivas, especialmente em comunidades com recursos limitados, onde representam alternativa terapêutica acessível. Na fitoterapia, seu uso está associado ao alívio de sintomas da menopausa, distúrbios menstruais e afecções do trato geniturinário. Este estudo teve como objetivo revisar a literatura científica nacional acerca do uso de plantas medicinais voltadas à saúde feminina, descrevendo espécies empregadas, suas formas de uso e potenciais benefícios. Trata-se de uma revisão integrativa que analisou publicações em português e inglês, de 2017 a 2024, localizadas nas bases SciELO Brasil, Arquivos do Mudi, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES. Foram selecionados 13 trabalhos que atenderam aos critérios de inclusão, destacando-se espécies como *Allium sativum* L., *Curcuma longa* L., *Zingiber officinale* Roscoe, *Morus nigra* L., *Senna alata* (L.) Roxb., entre outras, utilizadas no manejo de endometriose, dismenorrea, candidíase, sintomas do climatério e da menopausa. Evidências indicam resultados positivos, porém reforçam a necessidade de prescrição segura e manejo adequado por profissionais capacitados, a fim de evitar riscos como superdosagem e intoxicação.

Editores: Carlos Henrique Salvino;

João Augusto Oshiro Junior.

Recebido: 01/05/2025

Revisado: 04/09/2025

Aceito: 23/09/2025

Publicado: 28/09/2025

Palavras-chaves “Saúde feminina”, “Terapias integrativas”, “Sistemas tradicionais de cura”, “Etnobotânica”, “Medicina complementar”.

1. Introdução

Desde a antiguidade os seres humanos lidam com a natureza, e consequentemente, com plantas para auxiliar no processo de cura. Entretanto, com o processo de colonização muitos saberes tradicionais foram perdidos, considerando que houve um processo de imposição cultural, havendo uma mudança significativa na realidade dos povos colonizados. (ALMEIDA, M.Z. Plantas medicinais.p 33-38).

Copyright: © 2025 by the authors. Submitted for possible open access publication under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

Diante desse contexto, torna-se imprescindível a preservação desses conhecimentos, especialmente em pequenas comunidades com recursos escassos, onde a fitoterapia é amplamente empregada. Em regiões com grande diversidade de plantas disponíveis, a prática do uso de plantas medicinais para a saúde feminina é comum e tem demonstrado eficácia no tratamento de condições como menopausa, distúrbios menstruais e outras enfermidades do sistema reprodutor (GUEDELHA et al., 2022). Estudos indicam que essas ervas contribuem para a diminuição de sintomas vasomotores e neuropsicológicos, bem como para o alívio de disfunções sexuais, alterações urogenitais e distúrbios metabólicos, promovendo a redução das queixas associadas à menopausa (SOUZA et al., 2020).

Além disso, o uso de plantas medicinais como complemento terapêutico na Atenção Primária à Saúde (APS) tem se mostrado eficaz no tratamento de diversas queixas comuns entre as mulheres. Entre as principais condições tratadas por meio da fitoterapia estão: sangramento uterino anormal, amenorreia, atraso menstrual, sintomas pré-menstruais e do climatério, corrimento vaginal, cervicites, lesões anogenitais, mastalgia, dor pélvica, alterações urinárias e secreção mamilar (BRASIL, 2016). Tais aplicações evidenciam o potencial das plantas medicinais na abordagem de enfermidades que impactam diretamente a saúde ginecológica e reprodutiva.

Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) e a implantação de políticas como a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), a fitoterapia foi incorporada como prática integrativa nos serviços públicos de saúde (BRASIL, 2018). Conferências nacionais passaram a recomendar seu uso como alternativa terapêutica, destacando benefícios como redução de custos, boa adesão ao tratamento, menos efeitos colaterais e contribuição para a promoção da saúde (FIGUEREDO, 2014). Medidas como a criação das Farmácias Vivas e a RDC nº 18/2013 reforçaram sua regulamentação no SUS, garantindo o uso seguro das plantas medicinais e promovendo também a conservação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico (BRASIL, 2006).

No cenário brasileiro, a prevalência do uso de plantas medicinais entre indivíduos que recorrem a práticas integrativas varia consideravelmente entre 21,3% e 91,7%, refletindo a diversidade metodológica dos estudos e os contextos locais em que são conduzidos [17–19]. A região Norte destaca-se com maior frequência de uso, influenciada por fatores culturais e pela convivência com comunidades indígenas (CASTILHOS, 2023). Em um estudo específico com mulheres no climatério, 57,6% relataram utilizar fitoterápicos no manejo de sintomas como ondas de calor, insônia e alterações emocionais, evidenciando a relevância dessa prática no cuidado com a saúde feminina. Esses dados reforçam a importância de se elaborar um inventário nacional sobre o uso tradicional de plantas medicinais, abrangendo tanto populações indígenas quanto não indígenas, dada a riqueza do conhecimento etnobotânico existente no país (HOEFEL, 2023).

Assim, é fundamental aprofundar a investigação sobre o uso de plantas medicinais e fitoterápicos por mulheres, visto que seu emprego no tratamento de diversas enfermidades ginecológicas possui respaldo científico. Nesse cenário, a fitoterapia tem ganhado

destaque, e o farmacêutico assume papel central na educação em saúde, pois detém o conhecimento necessário para orientar a população e os demais profissionais sobre o uso racional desses recursos, contribuindo para a promoção da saúde no âmbito do SUS (ALMEIDA & CARAMONA, 2019). Ressalta-se que a relevância desse tema é ainda mais evidente considerando que, segundo o Censo Demográfico de 2022, as mulheres correspondem a 51,5% da população brasileira.

Nessa perspectiva, este estudo de revisão bibliográfica tem como objetivo aprofundar o conhecimento acerca do uso de fitoterápicos na saúde da mulher, capacitando profissionais da saúde para a prescrição adequada e a divulgação dos benefícios relacionados, evidenciando a importância desta pesquisa tanto para a sociedade quanto para especialistas da área. Ademais, o presente trabalho pode servir como base para futuras investigações e fomentar a utilização de métodos diversificados para o cuidado da saúde feminina, que representa parcela significativa da população.

2. Resultados e Discussão

Desde os primórdios da civilização humana, espécies vegetais são utilizadas para tratar doenças, e nas primeiras organizações populacionais, as mulheres eram as responsáveis por extrair os princípios ativos do material natural (SANTOS et al., 2019). Nesse sentido, a ginecologia natural propõe tratamentos complementares, buscando inserir a mulher como uma agente ativa no processo de recuperação sem negligenciar a qualidade clínica e o embasamento científico (CARRANO, 2024).

A endometriose é um distúrbio ginecológico crônico caracterizado pela presença de tecido endometrial em locais ectópicos, o que desencadeia uma reação inflamatória persistente. Essa doença afeta entre 5% e 15% das mulheres em idade reprodutiva, e seu tratamento é frequentemente baseado em terapia hormonal e intervenções cirúrgicas (Ministério da Saúde, 2024). A condição pode ser classificada em quatro estágios: mínima (estágio I), leve (estágio II), moderada (estágio III) e grave (estágio IV), o que depende da localização, da dimensão e da profundidade dos focos da doença (BELLELIS et al., 2010; SILVA et al., 2021). Além do impacto clínico, o distúrbio afeta negativamente a vida sexual, social e profissional das pacientes, podendo também comprometer a qualidade do sono e ser associado a um maior risco de ansiedade e depressão (PINHEIRO, 2022). Adicionalmente, o distúrbio está relacionado a diversos agravos obstétricos, como infertilidade, aborto espontâneo e gravidez ectópica (BAETAS et al., 2021).

Por isso, o uso de plantas medicinais pode ser vantajoso ao oferecer uma alternativa adicional de tratamento para as pacientes acometidas por essa condição. A redução dos níveis de estradiol promovida pelo uso dessas plantas traz benefícios para quem sofre com esse distúrbio ginecológico crônico, visto que esse hormônio promove o crescimento do tecido endometrial, muitas vezes fora do útero, o que intensifica a dor e a inflamação. Assim, ao inibir o estradiol, observa-se uma tendência de diminuição dos sintomas da doença. (VANDERRE et al., 2017).

Conforme ilustrado no quadro 1, diversas plantas medicinais têm sido investigadas para o tratamento da endometriose. Seu mecanismo de ação está frequentemente

relacionado à inibição da produção de estradiol, o principal hormônio estrogênico feminino. Este hormônio, sintetizado predominantemente nos ovários, desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e na regulação do ciclo menstrual.

Quadro 1. Plantas medicinais utilizadas na saúde da mulher

Nome científico	Nome popular	Parte utilizada	Forma de uso	Aplicação na saúde da mulher
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Bulbo	Extrato	Reduz proliferação de células endometriais (endometriose)
<i>Curcuma longa</i> L.	Cúrcuma	Rizoma	Pó oral	Inibe estradiol e inflamação em endometriose
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Rizoma	Pó oral	Reduz dor pélvica e inflamação
<i>Morus nigra</i> L.	Amora-preta	Folha	Chá	Atenua ondas de calor e melhora sono na menopausa
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	Mata-pasto	Folha	Extrato etanólico	Ação antifúngica contra <i>Candida albicans</i>
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	Folha e flor	Decocção	Antiespasmódico na dismenorrea
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	Folha	Decocção, banho de assento	Candidíase, inflamações pélvicas, menopausa
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Entrecasca	Decocção, banho de assento	Anti-inflamatório e antimicrobiano ginecológico
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jabuticaba	Entrecasca, folha	Decocção, infusão	Controle de hemorragia e cicatrização uterina
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	Folha	Infusão, maceração	Anti-inflamatório e antimicrobiano ginecológico
<i>Abutilon bedfordianum</i> (Hook.) A.St.-Hil. & Naud.	Malva	Folha	Decocção oral e tópica	Emoliente e anti-inflamatória ginecológica

Nome científico	Nome popular	Parte utilizada	Forma de uso	Aplicação na saúde da mulher
<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Flor	Infusão, óleo essencial	Calmante, anti-inflamatória, menopausa
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	Gel da folha	Uso tópico	Antimicrobiano para infecções vaginais

Fonte: O próprio autor.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a extração dos metabólitos secundários das plantas possibilita a obtenção de fármacos ou precursores, os quais podem exercer diversas ações, como anti-inflamatória, antiviral, antiparasitária, antitérmica e laxante. Colaborando para o avanço de novas estratégias terapêuticas, o processo de isolamento e identificação destes metabólitos, os quais são compostos orgânicos não essenciais para as atividades metabólicas básicas da planta, desempenham um papel fundamental. Esses compostos exercem sua ação, seja de forma direta ou indireta, por meio de diversos alvos moleculares e celulares (FERREIRA, et al. 2019).

Uma das vertentes da ginecologia natural é o emprego de plantas medicinais, conhecidas por sua habilidade em aliviar ou curar doenças, acumulando uma rica tradição de uso entre diferentes comunidades, algumas das principais espécies de plantas estão representadas no Quadro 1, bem como seu modo de utilização e função. Essas plantas são compostas por centenas, até milhares, de substâncias distintas que, quando utilizadas de forma adequada e em sinergia, exercem diversas funções no organismo, contribuindo para a prevenção, tratamento e cura de enfermidades (CARRANO, 2024).

A etiologia da candidíase vulvovagina é associada a fungos do gênero *Candida*, que provocam um processo inflamatório na região da vulva e da vagina. Dentre as espécies do gênero, a *Candida albicans* é a mais prevalente (JEANMONOD et al., 2017; BELAYNEH et al., 2017). Existem características que contribuem para a patogenicidade dessa espécie de fungo, incluindo: a capacidade de adesão, a formação de biofilmes, a hidrofobicidade da superfície celular, a produção de enzimas hidrolíticas e a capacidade de multiplicação em temperaturas elevadas, como 39 °C e 42 °C (KABIR et al., 2012; RÖRIG et al., 2009; ZANNI et al., 2017). Os principais sinais clínicos dessa infecção incluem a presença de corrimento esbranquiçado, edema e eritema, prurido e sensação de ardência, indicando um processo inflamatório local (FELIX et al., 2017).

Nesse contexto, para além dos casos clínicos, no ambiente vaginal saudável é comum a presença da microbiota vaginal característica do estado de normalidade da vagina. Representantes de parte desta microbiota vaginal estão os *Lactobacillus acidophilus*, formando a flora bacteriana de Doderlein, responsável pelo mecanismo de proteção contra diversos agentes patógenos (LOPES, 2017). Essa flora atua como uma barreira química protetora, dificultando a implantação de agentes patogênicos. Todavia, infecções podem

surgir quando há um desequilíbrio do ecossistema vaginal, por um desequilíbrio do ecossistema vaginal ou pela presença de microrganismos de transmissão sexual, favorecendo a instalação de patógenos oportunistas e o desenvolvimento de condições como a vaginose bacteriana (LOPES et al., 2017).

O climatério e a menopausa são fases naturais do ciclo de vida da mulher. O climatério corresponde ao período de transição que antecede a menopausa, caracterizando-se pela redução gradual da produção hormonal (ALI et al., 2020). A menopausa, por sua vez, é definida pelo cessamento permanente da menstruação, geralmente diagnosticada após 12 meses consecutivos sem fluxo menstrual (CARLSON et al., 2023). Os sintomas característicos do climatério são decorrentes da diminuição dos níveis de estrogênio no organismo. Os mais frequentes incluem a instabilidade vasomotora, distúrbios menstruais, atrofia geniturinária e manifestações psicológicas. Além desses sintomas, a longo prazo, essa condição pode resultar em quadros de osteoporose e alterações cardiocirculatórias (FEBRASGO, 2004). Em relação a menstruação, os sintomas podem incluir: instabilidade vasomotora, distúrbios geniturinários e alterações psicológicas, como ansiedade e depressão (GRAEF et al., 2012). Diante das informações apresentadas e com base nos dados do Quadro 1, observa-se que o uso de plantas medicinais como forma de tratamento alternativo pode contribuir para a minimização desses sintomas, promovendo uma melhor qualidade de vida às pacientes.

3. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura. A busca foi realizada nas bases SciELO Brasil, Arquivos do Mudi, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES, contemplando publicações entre 2017 e 2024, nos idiomas português e inglês. Foram utilizados os descritores: “saúde ginecológica”, “medicamentos naturais”, “fitoterapia”, “ervas de uso terapêutico”, “tratamento alternativo”, “menopausa” e “saúde feminina”, combinados por meio de operadores booleanos.

Critérios de inclusão: estudos que abordassem plantas medicinais aplicadas à saúde feminina, apresentassem resultados sobre benefícios terapêuticos e estivessem no período delimitado. Critérios de exclusão: publicações fora do recorte temporal, que não abordassem plantas medicinais no contexto da saúde da mulher ou que não descrevessem formas de uso e aplicações clínicas. A seleção foi realizada em três etapas: Leitura dos títulos e resumos para triagem inicial; Leitura integral para verificação do atendimento aos critérios e extração e organização dos dados relevantes, incluindo nome científico, nome popular, parte utilizada, forma de preparo, aplicação e principais compostos bioativos, quando disponíveis.

4. Conclusão

Esta revisão integrativa permitiu reunir e analisar evidências sobre o uso de plantas medicinais no cuidado à saúde da mulher, abrangendo condições como endometriose, dismenorreia, candidíase, climatério e menopausa. As espécies identificadas demonstram potencial terapêutico respaldado por relatos tradicionais e, em alguns casos, por estudos

experimentais e clínicos, destacando-se pela diversidade de compostos bioativos e múltiplos mecanismos de ação.

Embora os resultados apontem benefícios relevantes como alívio de sintomas, melhoria da qualidade de vida e acessibilidade terapêutica, a adoção dessas práticas requer manejo adequado, orientação profissional e atenção à dosagem, a fim de prevenir riscos como superdosagem e interações medicamentosas.

Para a comunidade científica, este trabalho reforça a necessidade de aprofundar estudos clínicos controlados, visando padronizar formas de preparo e estabelecer protocolos seguros de uso. Para a sociedade, evidencia-se a importância de políticas públicas que promovam o acesso qualificado a terapias integrativas, valorizando saberes tradicionais e integrando-os à ciência contemporânea. Ao articular conhecimento popular e evidências científicas, esta revisão contribui para ampliar as opções de cuidado no campo da saúde feminina, fortalecendo abordagens sustentáveis, culturais e inclusivas.

Agradecimentos: Esta pesquisa não recebeu financiamento específico e os autores não possuem agradecimentos a declarar.

Conflitos de interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse relacionados à elaboração e publicação deste trabalho.

Referências

- ALI, A. M. et al. Psychological climacteric symptoms and attitudes toward menopause among Emirati women. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 14, p. 5028, 2020. DOI: 10.3390/ijerph17145028. Acesso em: 20 fev. 2025.
- ALMEIDA, A.; CARAMONA, M. Papel do farmacêutico na detecção/informação das interações entre plantas e medicamentos. **Acta Farmacêutica Portuguesa**, v. 8, n. 2, p. 82-90, 2019. Disponível em: <https://actafarmacaportuguesa.com/index.php/afp/article/view/194>. Acesso em: 7 out. 2024.
- AL-DABBAGH, B. et al. Antioxidant and anticancer activities of chamomile (*Matricaria recutita* L.). **BMC Research Notes**, v. 12, n. 1, p. 1-8, 2019. DOI: 10.1186/s13104-018-3960-y.
- ANDRADE, D. R. P.; MOTA, G. L.; PEREIRA, G. V. V.; SOUZA, J. S. de. Propriedades terapêuticas do *Allium sativum*: uma revisão sistemática da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 12, p. 78986–78999, 2022.
- BAETAS, B. V. et al. Endometriose e a qualidade de vida das mulheres acometidas. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 19, p. e3969, 2021. DOI: 10.25248/reac.e3969.2021.
- BELAYNEH, M.; SEHN, E.; KOROWNYK, C. Recurrent vulvovaginal candidiasis. **Canadian Family Physician**, v. 63, n. 6, p. 455, 2017.
- BELLELIS, P. et al. Aspectos epidemiológicos e clínicos da endometriose pélvica: uma série de casos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 56, n. 4, p. 467-471, 2010. DOI: 10.1590/S0104-42302010000400022.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**. 2. ed. Brasília, DF: ANVISA, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/farmacopeia/formulario-fitoterapico>. Acesso em: 7 out. 2024.

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- BRETAS, L. P. et al. Atividade antimicrobiana e biocompatibilidade de um medicamento intracanal à base de hidróxido de cálcio e aloe vera. **Revista Brasileira de Odontologia**, v. 74, n. 3, p. 180, 2017. DOI: 10.18363/rbo.v74n3.p.180.
- CARLSON, K.; PEACOCK, K. Menopause. In: **STATPEARLS** [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing, 2023. Disponível em: (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK507826/>). Acesso em: 5 ago. 2025.
- CARRANO, T. C. **O uso de plantas medicinais nas práticas de ginecologia natural em consultas de enfermagem na Atenção Primária à Saúde: uma proposta de educação permanente**. 2024. 54 f. Trabalho de Conclusão de Residência (Especialização em Enfermagem de Família e Comunidade) – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- CASTILHOS, P. F.; BARBATO, P. R.; BOING, A. C. Prevalência e fatores associados à utilização de plantas medicinais e fitoterapia no Brasil. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 400-410, 2023. DOI: 10.32712/2446-4775.2023.1477.
- DZOYEM, J. P. et al. Anti-biofilm and anti-quorum sensing activities of extract, fractions and compounds from the leaves of *Cassia alata* L. against yeast pathogens. **Phytomedicine Plus**, v. 4, n. 4, p. 100621, 2024. DOI: 10.1016/j.phyplu.2024.100621.
- ENDOMETRIOSE. In: **MINISTÉRIO DA SAÚDE**. Saúde de A a Z. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [20--?]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/endometriose>. Acesso em: 5 ago. 2025.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. **Climatério: manual de orientação**. São Paulo: Ponto, 2004.
- FELIX, T. C. et al. Candida species in the genital tract of women attending a university hospital for gynecological interventions. **Brazilian Journal of Medicine and Human Health**, v. 5, n. 1, p. 13-18, 2017.
- FERREIRA, R. S. R. D. S. et al. The use of medicinal plants in the riverside community of the Mazagão River in the Brazilian Amazon, Amapá, Brazil: ethnobotanical and ethnopharmacological studies. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, v. 2019, p. 1-25, 2019. DOI: 10.1155/2019/6087509.
- FIGUEIREDO, C. A. de; GURGEL, I. G. D.; GURGEL JUNIOR, G. D. A Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos: construção, perspectivas e desafios. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 381-400, 2014. DOI: 10.1590/S0103-73312014000200004.
- GRAEF, A. M.; LOCATELLI, C.; SANTOS, P. Utilização de fitoestrógenos da soja (*Glycine max*) e *Angelica sinensis* (dong quai) como uma alternativa terapêutica para o tratamento dos sintomas do climatério. **Evidência**, Joaçaba, v. 12, n. 1, p. 83-96, 2012.
- HOEFEL, A. L.; SARTORI, K. B. Prevalência do uso de fitoterápicos em mulheres com sintomas de climatério. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 64-75, 2023. DOI: 10.32712/2446-4775.2022.1359.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Quantidade de homens e mulheres**. Rio de Janeiro: IBGE, [20--?]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 7 out. 2024.
- JEANMONOD, R.; JEANMONOD, D. Vaginal Candidiasis (Vulvovaginal Candidiasis). In: **STATPEARLS** [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing, 2024. Disponível em: (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK459317/>). Acesso em: 11 jun. 2018.
- KABIR, M. A.; HUSSAIN, M. A.; AHMAD, Z. Candida albicans: a model organism for studying fungal pathogens. **ISRN Microbiology**, v. 2012, p. 573164, 2012. DOI: 10.5402/2012/573164.
- LAVABRE, M. **Aromaterapia: a cura pelos óleos essenciais**. 2. ed. Belo Horizonte: Laszlo, 2018.

- LOPES, P. H. S.; PACINI, V. L.; NORBERG, A. N. Indicadores de infecção genital por *Gardnerella vaginalis* e *Candida spp* em mulheres do município de Nova Iguaçu, estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Anais do Seminário Científico do UNIFACIG**, n. 2, 2017.
- MIRANDA, S. da S. et al. O chá da folha de *Morus nigra* como agente promotor de qualidade de vida em mulheres na transição menopáusicas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 9, p. e4288, 2020. DOI: 10.25248/reas.e4288.2020.
- NEVES, A. M. et al. Caracterização química e o potencial antimicrobiano de espécies do gênero *Senna* Mill (Fabaceae). **Revista Virtual de Química**, v. 9, n. 6, p. 2506-2538, 2017. DOI: 10.21577/1984-6835.20170149.
- PAIVA, K. O. et al. Plantas medicinais utilizadas em transtornos do sistema genitourinário por mulheres ribeirinhas, Caravelas, Bahia. **Revista Fitos**, v. 11, n. 1, p. 92-98, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/21124>. Acesso em: 9 out. 2024.
- PINHEIRO, B. S. M. **O impacto da endometriose na qualidade de vida da mulher em idade fértil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia) – Escola Superior de Saúde de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, 2022. Disponível em: (https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/7245/1/BarbaraSofiaMartinsPinheiro_DM.pdf). Acesso em: 5 ago. 2025.
- RAMALHO, L. A. S. **Zingiber officinale: evidência científica clínica**. 2023. Trabalho Final de Mestrado Integrado (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2023.
- RÖRIG, K. C. O.; COLACITE, J.; ABEGG, M. A. Production of virulence factors in vitro by pathogenic species of the genus *Candida*. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 42, n. 2, p. 225-227, 2009. DOI: 10.1590/S0037-86822009000200020.
- SANTOS, C. C. D. et al. Alternative treatment of premenstrual syndrome with chamomile, apple and passion fruit. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e2929108702, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i10.8702.
- SANTOS, D. L. et al. Saberes tradicionais sobre plantas medicinais na conservação da biodiversidade amazônica. **Ciências em Foco**, Campinas, v. 12, n. 1, p. e019001, 2019. DOI: 10.12957/cef.2019.9894.
- SANTOS, R. R. dos; JESUS, I. R. de; AQUINO, E. M. de. O uso de plantas medicinais como forma de cuidado da saúde da mulher: uma abordagem integrativa. **Revista Eletrônica de Administração e Serviço Educacional**, v. 9, n. 2, p. 177-198, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12339/5924>. Acesso em: 9 out. 2024.
- SILVA, J. C. R. e et al. Endometriose: aspectos clínicos do diagnóstico ao tratamento. **Femina**, v. 49, n. 3, p. 134-141, 2021.
- VANDEPERRE, A. et al. The role of laparoscopic surgery in the management of deep endometriosis: a systematic review. **European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology**, v. 210, p. 330-337, 2017. DOI: 10.1016/j.ejogrb.2016.07.498.
- ZANNI, P. C. M. D. et al. Virulence factors and genetic variability of vaginal *Candida albicans* isolates from HIV-infected women in the post-highly active antiretroviral era. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, v. 59, p. e44, 2017. DOI: 10.1590/S1678-9946201759044.
- ZHOU, L. et al. Efficacy of *Allium sativum* (garlic) on metabolic health: a systematic review of randomized controlled trials. **Frontiers in Pharmacology**, v. 13, p. 820806, 2022. DOI: 10.3389/fphar.2022.820806.

Isenção de responsabilidade/Nota do editor: As declarações, opiniões e dados contidos em todas as publicações são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es) e colaborador(es) individual(ais) e não da BIOFARM e/ou do(s) editor(es). A BIOFARM e/ou o(s) editor(es) isentam-se de responsabilidade por quaisquer danos a pessoas ou propriedades resultantes de quaisquer ideias, métodos, instruções ou produtos mencionados no conteúdo.